



HISTÓRIA DE EMPRESAS; HISTÓRIA DA TECNOLOGIA

Os estímulos e os desestímulos econômicos, políticos e ideológicos ao crescimento industrial de Ribeirão Preto de 1931 a 1950

The economic, political and ideological stimuli and disincentives to the industrial growth of Ribeirão Preto from 1931 to 1950

Leandro Maia Marques; Prefeitura de Campo Grande; leandromaiam@yahoo.com.br

RESUMO: Nesse trabalho serão analisados os estímulos e os desestímulos agregados e desagregados ao crescimento industrial de Ribeirão Preto de 1931 a 1950, tanto econômicos, da agricultura, em um contexto de transição dos capitais agrícolas hegemônicos regionalmente do complexo cafeeiro para a agroindústria sucroalcooleira e usineira, origem da maioria dos insumos industriais e dos capitais transferidos às atividades econômicas urbanas da construção civil, prestação de serviços e comércio, do comércio beneficiado pela consolidação do mercado interno abastecido localmente pelas indústrias brasileiras, principais concorrentes com os produtos industriais locais; e de ambos, os principais setores de origem dos capitais iniciais das indústrias, sociais agregados ao econômico (parentesco nos sócios das indústrias e naturalidade do industrial), industriais (predomínio de bens de consumo não duráveis e ausência de industrialização no município), políticos das instituições estatais (Câmara e Prefeitura municipais) e classistas (ACIRP, DR do CIESP e FIESP) e ideológicos (ideias confusas, equivocadas, anti-industriais, indiferentes e ufanistas).

Palavras-chave: Ribeirão Preto. Indústria. Economia. Ideologia. Política industrial.

ABSTRACT: In this work, the stimuli and disincentives aggregated and disaggregated to the industrial growth of Ribeirão Preto from 1931 to 1950 will be analyzed, both economic and agriculture, in a context of transition of regionally hegemonic agricultural capital from the coffee complex to the sugar-alcohol and sugarcane agroindustry, origin the majority of industrial inputs and capital transferred to the urban economic activities of civil construction, provision of services and trade, trade benefited by the consolidation of the internal market supplied locally by Brazilian industries, the main competitors with local industrial products; and from both, the main sectors of origin of the initial capital of the industries, social added to the economic (kinship in the partners of the industries and the industrialist's birthplace), industrial (predominance of non-durable consumer goods and lack of industrialization in the



municipality), politicians of the state institutions (Municipal Chamber and City Hall) and classist (ACIRP, DR of CIESP and FIESP) and ideological (confused, mistaken, anti-industrial, indifferent and vainglorious ideas).

Keywords: Ribeirão Preto. Industry. Economy. Ideology. Industrial policy.

Código JEL: L 60

Introdução

A justificativa **teórica e historiográfica** será dar continuidade ao estudo sobre o crescimento “da classe da indústria de transformação” (IBGE, 1957) em Ribeirão Preto no período de 1931 a 1950, já iniciado na anterior dissertação, com a análise das pequenas indústrias de 1870 a 1930 (Marques, 2018) e no trabalho apresentado no 14º Congresso Brasileiro de História Econômica, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) em 2021 (Marques, 2021) no contexto de 1911 a 1930. Em especial, preencher a lacuna de pesquisas sistemáticas sobre o crescimento industrial em um dos principais municípios médios do interior paulista e brasileiro, no qual o desenvolvimento econômico a partir da década de 1930 foi liderado regionalmente pela agricultura e municipalmente pela construção civil, comércio e prestação de serviços sem a ocorrência de industrialização.

O **objetivo** dessa obra é contextualizar a indústria em Ribeirão Preto no âmbito da economia ribeirão-pretana e fazer uma análise esboçada de seu crescimento industrial desagregado.

A **Metodologia** é construída a partir de ideias e conceitos do campo da historiografia e da economia presentes em referências bibliográficas abarcando obras de economistas (Cano, 1990; Dean, 1971; Furtado, 1974; Malan, 1980; Mello, 1984; Negri, 1996; Pereira, 1984; Pires, 2004; Suzigan, 2000), historiadores (Silva, 2006; IDEM, 2012; Marques, 2018; IDEM, 2021; Rosa; Registro, 2007), cientista político (Walker, 2000) e arquiteto (Vichnewski, 2010). Somado aos dados de biólogo (Pereira, 2018), jornalistas (Porto, 1953; Furlan Junior, 1956; Hasse, 1996; IDEM, 2004) e memorialistas (Cione, 1992; Prates, 1983; Guião, 2014).



As **fontes** foram obtidas principalmente dos documentos oficiais a) federais censos demográficos e industriais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), b) estaduais decreto, boletim, informações e diário oficial do Estado de São Paulo (DOESP); c) municipais Diário Oficial de Ribeirão Preto (DORP), ato, lei e documento da Câmara Municipal de Ribeirão Preto (CMRP) e d) privados (almanaque Laemmert [AL], Roteiro de Ribeirão Preto: cidade padrão de progresso no coração do Brasil de 1948, publicação de empresa, de instituição classista, jornal e sítios da internet).

A seguir serão descritas e analisadas tanto de forma agregada os estímulos e os desestímulos da agricultura, construção civil, comércio e prestação de serviços em Ribeirão Preto de 1931 a 1950 para o crescimento industrial ribeirão-pretano quanto das características desagregadas industriais econômicas, sociais agregadas às econômicas (populacionais, familiares e naturalidades), ideológicas e políticas realizadas em instituições classistas (Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto [ACIRP] e Delegacia Regional [DR] do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo [CIESP]) e governamentais (Câmara e Prefeitura municipais).

Os estímulos e desestímulos da agricultura ao crescimento da indústria ribeirão-pretana

Inicialmente, para melhor compreender a agricultura regional, será descrita brevemente a transição da hegemonia da cafeicultura para a agroindústria sucro-alcooleira usineira.

Em consequência à crise de 1929 e de superprodução do café, nas décadas de 1930 e de 1940, a maioria dos grandes capitalistas municipais e regionais, os cafeicultores, reinvestiram a maioria de seus capitais no “Café ¹que representa a maior riqueza do município acompanhadas da “[...] diversificação operada no setor agrícola [...] [e a] ampliação de outras culturas. [...] da cana-de-açúcar, do algodão, [...] e a expansão da pecuária [...]” (Pires, 2004, p. 179-180). Assim, ocorreu um certo equilíbrio entre essas monoculturas.

¹ O crescimento desacelerado da cafeicultura condicionou a instalação, nesse período, de apenas micro indústrias moedoras e torrefadoras de café ambas não analisadas neste trabalho.



Com destaque para a cana-de-açúcar porque boa parte dos fazendeiros nas décadas de 1930 e de 1940 fizeram a transferência para uma nova hegemonia econômica regional e consolidaram definitivamente suas grandes acumulações de capitais na cultura canavieira, em substituição à cafeicultura assim como do complexo cafeeiro pela agroindústria sucroalcooleira, pois nesta houve a substituição dos rústicos engenhos pelas dezenas de usinas de açúcar e álcool instaladas. Exemplo: Chibarro em Araraquara (1940) (FERREIRA, 1987 apud MENDONÇA, 2018, p.34)², Santo Antônio (1946) em Sertãozinho (<https://www.canaverde.com.br/usa-usina-santo-antonio/>) e São Martinho em Guariba (1949) (<https://www.saomartinho.com.br/show.aspx?idCanal=ReA6dzNtQion0wnlCl3gmw=>).

Com efeito, realizaram a transição para uma nova elite ribeirão-pretana, em substituição à dos cafeicultores, formada pelos empresários oriundos, entre outras, das famílias do Val, Schmidt e Mendonça Uchoa. A partir daqui formada pelos novos empreendedores pertencentes às famílias Biagi, Marchesi, Ribeiro Pinto, Ferreira Meirelles e Magri, inclusive os três primeiros tornaram-se usineiros, exemplo da primeira proprietária das “usinas da Pedra e Santa Elisa “ (Hasse, 1996, p. 93-94).

Nesse período, a agricultura regional condicionou em grande medida a demanda da modernização em Ribeirão Preto que em boa parte foi agroindustrial na qual houve uma certa continuidade do rural na parte urbana ribeirão-pretana, que partiu da periferia agropecuária da região e do município foi continuada e ecoou em aspectos substanciais das indústrias instaladas nas regiões e bairros periféricos, suburbanos e central, porque havia uma maior interdependência setorial da indústria com a agropecuária, assim como a realização de certas etapas de continuidade produtiva, de agregação de valor e de desdobramento de beneficiamento e transformação simples de produtos agropecuários.

Indústrias com grande dependência de insumos agropecuários

² Apesar da irrefutável autonomia econômica da microrregião nucleada em Araraquara, as usinas de açúcar e álcool que foram instaladas nesse território serão consideradas, tanto devido ao recorte espacial desse trabalho considerá-la como localizada na região (São Paulo, 1970), assim como porque uma parte, mesmo que bem residual, desse capital e lucro acumulados foram aplicados e gastos no comércio e serviço ribeirão-pretanos, em especial, em atividades que inexistiam ou que não atendiam integralmente as demandas microrregionais araraquarenses.



A agricultura regional condicionou a instalação e reprodução de boa parte da minoria das grandes indústrias do município nas quais “[...] a descentralização e desconcentração de determinadas empresas localizadas na capital, que passaram a montar unidades agroindustriais no interior [...] Sua base de recursos naturais também atraiu [...]” (Negri, 1996, p. 86). Porque sua produção de “novas plantas de complementação industrial [foram] “planejadas” não para o mercado regional ou local mas sim com dimensões multirregionais ou nacionais.” (Cano, 1990, p. 218).

Em relação aos “*linkages* [de produção] para frente [...] [que] medem a indução a investir em atividades econômicas que usam o produto do setor exportador como insumo [...] e da possibilidade de processamento ulterior do produto básico” (Suzigan, 2000, p. 70-72, 364) ocorreu um aumento no estímulo e no tamanho da cadeia produtiva com vistas à inauguração de novas indústrias processadoras de insumos agrícolas do algodão e da cana-de-açúcar em relação ao café, pois este era um fim em si porque basicamente gerava o bem de consumo final.³

O algodão foi utilizado através do “[...] esmagamento do caroço e extração e refino do óleo [alimentício] [...]” (Suzigan, 2000, p. 340). Pelas filiais locais da Moinho Santista, neste caso, e das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM) para as fabricações (1935) de sabão e, também, de tecidos (1946).

Essas indústrias foram instaladas em uma conjuntura específica favorável das décadas de 1930 e de 1940, pois:

O algodão paulista, a partir da década de 1930, teria três importantes fatores a seu favor: a política de sustentação dos preços do algodão pelo governo americano, por mais de uma década; a ampliação substancial de “brechas” no mercado internacional para o produto brasileiro, com a importação adicional [...]; o espetacular crescimento da indústria têxtil nacional e das indústrias de óleos vegetais, [...] (Negri, 1996, p. 73)

A cultura agrícola mais estimulada e com maior crescimento municipal e regional foi a canaveira, dentre outros fatores, porque:

³ Ainda houve um crescimento da cafeicultura nesse período, porque “O café manteve-se como o principal produto brasileiro até a Segunda Guerra Mundial [...]” (Baer, 1966, p. 7). Por outro lado, a desaceleração do dinamismo econômico da cafeicultura nesse período, a nível de encadeamento, acumulação de capital e desenvolvimento econômico pode ser exemplificada pela ausência de instalação de pequenas e médias torrefadoras. Ao contrário, foram empreendidas tão-somente micro indústrias, não analisadas neste trabalho, e firmas não pertencentes à indústria de transformação, mas sim dedicadas às atividades comerciais de rebeneficiamento de café porque realizavam apenas a separação das folhas, galhos e resíduos advindos da sua colheita.



A política do recém criado Instituto do Açúcar e do Alcool, na década de 1930, foi considerada favorável à produção de açúcar de usina, fazendo com que os investimentos crescessem novamente e se importasse (ou se fabricasse internamente) equipamento moderno para a instalação de novas usinas e modernização das existentes [...] (Suzigan, 2000, p. 228)

Em consequência, foram originados dois produtos, a) o açúcar que foi tanto beneficiado até tornar-se posteriormente refinado e cristal (1942) pelas refinarias Ipiranga e Alaska como foi utilizado como insumo pelas indústrias alimentícias para a fabricação dos doces de amendoim da Santa Helena, de balas pela A Olímpica e dos refrigerantes Antártica, Paulista da Companhia Cervejaria Paulista (CCP) e da estadunidense Coca Cola por sua engarrafadora regional franqueada, Refrescos Ipiranga e o b) álcool o qual foi destilado para obter aguardente pelo engenho dos Irmãos Pompolo e combustível, pois: “ na fazenda [Santa Lydia] começou-se a produzir álcool em 1939, para mistura do produto à gasolina [...]” (Hasse, 1996, p. 127).

A maior parte dos insumos de origem pecuária foram obtidos, em geral, da bovinocultura, caso do leite para posterior fabricação dos laticínios “requeijão, creme de leite, mussarela e manteiga” (Diário da Manhã, 1959; Ribeirão Preto, 1951) pela Rio Pardo; carne pelo frigorífico Morandi, gordura para fabricação de sabão, sabonete e creme de barbear pela Innechi, carcaças para produção de adubo e farinha de ossos pela Ypiranga e do couro fornecido aos curtumes. Também, de origem bovina e suína concomitantemente, pelo Morandi, exemplos de linguiça, mortadela, salame, presunto e salsicha. Assim como apenas suína, caso de banha.

A priorização da transferência de parte dos capitais agrícolas nas atividades econômicas urbanas de Ribeirão Preto da construção civil, do comércio e da prestação de serviços

Outro condicionamento da agricultura regional ocorreu graças às transferências de parte de capitais dos agricultores para as atividades econômicas urbanas de Ribeirão Preto, principal município da região, e continuaram, em relação àquele formatado já no período anterior a 1930, de forma majoritária na construção civil, no comércio e na prestação de serviços.



Com efeito, o processo de consolidação da grande diversificação econômica em Ribeirão Preto, caracterizado pela ausência de uma dependência exclusiva de um dos setores econômicos primário (agricultura, pecuária e extrativismo vegetal), secundário (extrativismo mineral, construção civil e indústria de transformação) e terciário (comércio e prestação de serviços) gerou um equilíbrio entre ambos, tanto daquelas atividades econômicas criadas antes de 1930, que continuaram nesse período, quanto daquelas instaladas após 1931, o que ajuda a perceber sua recuperação a qual suplantou os efeitos da crise econômica de 1929, de superprodução do café e a Depressão da década de 1930 que, de, forma geral, foi positiva e permitiu a cristalização definitiva do dinamismo de Ribeirão Preto na década de 1940 nas escalas do interior paulista e brasileiro, tanto econômica como demográfica (acima de 50.000 habitantes), neste caso junto com Campinas, Santos e São José do Rio Preto. Isso porque, a partir daí, tornou-se diferente definitivamente em relação à ampla maioria dos municípios de porte pequeno e dependentes sobremaneira da agropecuária.

Isso possibilitou ao comércio e à prestação de serviços de Ribeirão Preto, graças à sua distância de mais de 315 quilômetros, a ausência de concorrência direta com o setor econômico terciário paulistano, de tal forma que transbordou e rompeu os limites ribeirão-pretanos e atingiu parte do mercado consumidor dos municípios vizinhos e de parte da região num raio inferior a 100 quilômetros, de modo a iniciar a estruturação de um centro regional comercial e de serviços autônomo, o qual continuou a ofertar, em especial, uma gama cada vez maior de atividades mercantis que inexistiam nestas municipalidades vicinais e próximas da região (IBGE, 1990). Exemplos: hospital, teatro e choperia.

Em consequência, um fenômeno novo foi que o peso relativo da agricultura diminuiu e o protagonismo agrícola foi ultrapassado, pela primeira vez, dentro da economia municipal, graças ao crescimento exponencial e acelerado do comércio e dos “serviços de apoio à produção” (Negri, 1996, p. 38) maior nas escalas brasileira e estrangeira e menor na ribeirão-pretana às quais passaram a determinar a configuração e a expansão do mercado ribeirão-pretano.

O que causou qualidade e quantidade elevada de milhares de empresas e de produtos vendidos, de centenas de atividades e de segmentos comerciais e de serviços prestados especializados, em comparação com as centenas de empresas industriais e de



produtos fabricados pela indústria local, incluindo as micro indústrias não analisadas nesse trabalho, o que dá uma noção do sufocamento sofrido pela indústria ribeirão-pretana, tanto de atividades instaladas antes de 1930, que continuaram em funcionamento nesse período, assim como das novas empreendidas após 1931.

Caracterizados por uma “extrema diversificação dos atuais padrões de consumo privado dos grupos privilegiados.” (Furtado, 1974, p. 74) em sua maioria acessíveis e usufruídos sobremaneira pelos consumidores de classe econômica média e alta. Tal diversificação econômica geral proporcionou a consolidação de 11 áreas distintas da construção civil, móveis e utilidades domésticas, alimentos e bebidas, financeira, saúde, vestuário, educação, transporte, comunicação, lazer e mercantil diversa.

No entanto, o crescimento acelerado do comércio e da prestação de serviços foi o principal fator de desestímulo e de limite internos ao ritmo do crescimento industrial ribeirão-pretano que, devido a isso, inicialmente absorveu de forma estorvada e inelástica parte minoritária dos capitais agrícolas transferidos para as atividades econômicas urbanas e, a partir da década de 1940, reproduzidos com uma certa autonomia pelo próprio setor econômico terciário.

Inclusive, mesmo dentre os empresários que investiram em uma indústria ribeirão-pretana, instalada tanto neste período e no anterior a 1930, em especial a partir da década de 1920, mas ainda em funcionamento, conforme o posterior *Quadro 1*, foi dado um fim de capital industrial, ideia construída invertendo, de forma diametralmente oposta, a ideia de “origem do capital industrial” (Dean, 1971) porque a opção que esses empreendedores tiveram nessa diversificação em outras variadas atividades econômicas urbanas foi uma pulverização dos potenciais de investimento em outras atividades industriais ribeirão-pretanas, pois eles possuíam capitais suficientes para investir em novas indústrias e ampliar os investimentos fabris realizados, às quais eram destinadas aplicações de capitais coadjuvantes e que eles não tinham a atividade industrial como prioridade para obtenção de lucros, pois tratava-se apenas de uma atividade mercantil e uma empresa investida a mais.

Quadro 1- Fim de Capital Industrial Ribeirão-pretano na Construção Civil, no Comércio e na Prestação de Serviços do Município de 1920 a 1950

Nº	Empresa	Empresa/Empresário	Nº	Empresa	Empresa/Empresário
----	---------	--------------------	----	---------	--------------------



1	Bomba de Gasolina	Antônio Diederichsen	5	Edifício Meira Junior	Cervejaria Paulista
2	Companhia Predial de Ribeirão Preto	Antônio Diederichsen Irmãos Bianchi Francisco Gugliano	6 7 8	Edifício Adolfo Serra Edifício Diederichsen Hotel Palace	Antônio Agnello Serra Antônio Diederichsen Cervejaria Paulista
3	Concessionária Veículo Diederichsen	Antônio Diederichsen	9	Loteamento Jardim Eugênia	Antônio Lopes Veludo
4	Construtor	Álvaro Costa Couto	10	Teatro Pedro II	Cervejaria Paulista

Fonte: CIONE, 1992, p. 360; CCP em Ribeirão Preto de 1944; ROSA; REGISTRO, 2007, p. 66; HASSE, 2004, p. 46; AL 1937; DOESP 1946.

Analisando os dados do quadro anterior é possível inferir que as empresas e os empresários que investiram em indústrias em Ribeirão Preto aplicaram seus capitais, também, em outras diversas atividades da construção civil de edifícios, comércio de loteamento e concessionária de veículos e da prestação de serviços de bomba de gasolina, hotel e teatro.

Verifica-se que a última atividade econômica antes da instalação da indústria, visto que vários empresários empreenderam e obtiveram renda em mais de uma área e atividade econômicas, para origem dos capitais iniciais das indústrias ribeirão-pretanas adveio das diversas atividades econômicas ribeirão-pretanas agrícola, comercial e industrial.

Em primeiro lugar, sete da área de produtos básicos (50,00%). Dentro da qual houve o predomínio de quatro da atividade canavieira (28,57 %) a qual suplantou as três da cafeicultura (21,42%).

Em segundo lugar, da área de capital mercantil (35,72%), nas quais as origens do capital de cinco indústrias vieram das atividades de dois comerciantes, em geral, e de um cada de secos e molhados, açougue e vulcanização.

Por último, a origem de capital de duas fábricas (calçados e tecelagem) a partir da própria indústria (14,28%) paulista e ribeirão-pretana, ou melhor, “reinvestimento de lucros de empresas industriais” (Suzigan, 2000, p. 77), condicionada pela existência de, pelo menos “551 pequenas indústrias em Ribeirão Preto até 1930” (Marques, 2018, p. 100).

Os estímulos e desestímulos dos extrativismos mineral e vegetal, construção civil, comércio e prestação de serviços locais para as indústrias em Ribeirão Preto



Os estímulos do **extrativismo mineral** foram concretizados através dos fornecimentos dos insumos minerais às indústrias. Exemplo da água mineral, que foi utilizada pelas indústrias de bebidas, captada em Ribeirão Preto que, devido à sua forma de absorção e filtração no lençol freático, à sua composição química predominantemente alcalina e à pequena profundidade da sua captação em poços artesianos proporcionou-lhe ótimos níveis de pureza e de qualidade gustativa esta disseminada, pelo menos, desde “1940- [quando] a cidade começa a ser abastecida por poços artesianos, que substituem as águas do rio Pardo, até então utilizadas.” (Guião, 2014, p. 141).

As indústrias com grande dependência de insumos do **extrativismo vegetal** foram aquelas dependentes, em especial, da madeira a qual foi utilizada pela fabricante de móveis Innechi e pela Diederichsen e Bianchi para fabricar parte de máquinas e equipamentos.

O estímulo da **construção civil** ocorreu através da demanda por materiais, alguns dos quais foram fabricados localmente, exemplos de telha, tijolo e manilha pela cerâmica São Luiz, toras de madeira pelas serrarias Veludo e Serra e os “paralelepípedos de rocha eruptiva diabásica” (São Paulo, 1933, p. 369) que permaneceram solidificadas em colinas elevadas em locais de Ribeirão Preto, onde, em uma delas, foi instalada a pedreira Amador que extraía pedras para posterior fabricação de macadame, ladrilho, brita, laje, piso, soleira e mosaico.

As pedras de basalto subterrâneas tinham cores em gradientes de cinza escuro e preto que davam coloração escura a algumas calhas e águas dos principais cursos d’água ribeirão-pretanos, por esse motivo foram nomeados, por exemplo, de rio Pardo e córrego Ribeirão Preto, respectivamente.

O fator mais importante de desestímulo do **comércio** de Ribeirão Preto sobre o crescimento industrial ribeirão-pretano ocorreu no âmbito do principal mercado consumidor das indústrias ribeirão-pretanas: o próprio município.

Com efeito, esse período foi caracterizado pelo crescimento acelerado da concorrência tanto com indústrias e marcas já instaladas e existentes no período anterior a 1930, que continuaram em funcionamento nesse período, quanto daquelas instaladas a partir de 1931, e pelo aumento da circulação e distribuição sistemáticas de mercadorias



que concretizou o abastecimento e a ocupação mais intensas e diversificadas do mercado e do comércio do interior paulista em geral e ribeirão-pretano, em especial, e sua posterior atração e visibilidade.

Empreendida pelas grandes e médias indústrias e marcas a) estrangeiras de produtos fabricados no Brasil; e brasileiras de outros estados divididas em b) do Rio de Janeiro (RJ), c) de Minas Gerais (MG), d) do Rio Grande do Sul (RS) e e) do Paraná (PR), as quatro últimas instaladas de forma destacada nas suas capitais, Rio de Janeiro, Distrito Federal (DF), Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR) respectivamente, consequência da consolidação do mercado interno consumidor brasileiro, em especial nas regiões brasileiras sul e sudeste; e nas regiões paulistas de f) São Paulo, com destaque para a capital, acompanhada dos municípios agregados de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul e de g) Campinas, desta, em especial nos municípios agregados de Campinas, Piracicaba e Jundiaí os quais estavam localizados no caminho, ou bem próximo por estrada vicinal, da estrada entre São Paulo e Ribeirão Preto.

Foi maior nesse período, em relação ao anterior a 1930, a capacidade de produção das indústrias paulistas devido ao crescimento acelerado da sua produtividade e das ofertas de novas e diversas mercadorias, aliados aos menores custos de produção e preços finais, fatores que contribuíram para o aumento da concentração industrial em São Paulo, pois: “ [...]as restrições às importações forçariam a periferia nacional [e estadual] a importar, agora, produtos manufaturados de São Paulo [...]Passava-se, portanto, a integrar o mercado [e reiterar o do paulista] nacional sob o domínio de São Paulo. ” (Cano, 1985, p. 62-63 apud Negri, 1996, p. 34).

Em relação à concorrência no comércio ribeirão-pretano com os produtos industriais da região⁴, em especial com os principais municípios, Araraquara, São Carlos e Franca, foi caracterizada por um leve domínio que, desse modo, ainda garantia, a liderança completa, na escala municipal, de Ribeirão Preto na sua região em todos os setores econômicos primário, secundário e terciário.

Ademais houve uma quase ausente concorrência sofrida pelas indústrias de Ribeirão Preto com as indústrias e marcas dos municípios das outras regiões do interior

⁴ A noção de região e de regional será referente à Região Administrativa de Ribeirão Preto. Abarcando, também, as microrregiões principais de Franca, Barretos, Araraquara e São Carlos. (São Paulo, 1970).



paulista causada pelas poucas ou inexistentes ligações das estradas de terra transversais, no sentido interior-interior, pela persistência de muitos gargalos até essas cidades e pelos poucos itinerários e horários ferroviários e rodoviários até essas municipalidades. Isso proporcionou uma certa reserva de mercado regional, uma relativa melhor competitividade e participação industrial ribeirão-pretana no cenário do interior paulista, em um contexto caracterizado pela dispersão de micro e pequenas indústrias nos principais municípios do interior.

Por isso, o fato de Ribeirão Preto ser sede de centro econômico regional foi um dos fatores para as instalações de indústrias ribeirão-pretanas. O fenômeno ocorreu devido à necessidade da instalação no maior mercado consumidor, no principal e mais urbanizado município da região graças mais à sua pujança econômica, populacional e social do que industrial e às possibilidades condicionais de concretizar certas etapas produtivas mais elaboradas e à sua estrutura econômica mais complexa e heterogênea, acrescentada à inviabilidade tecnológica de realização de todas as etapas e fases de beneficiamento e da transformação do algodão, do café e do açúcar no campo de cultivo na maioria dos pequenos municípios rurais e agrários regionais.

Um dos fatores mais importantes dos condicionamentos da prestação de serviços ocorreu através de menores atendimentos da indústria e maiores do comércio locais. Primeiro, na **área de transporte** que prestou serviços às indústrias ribeirão-pretanas, a qual foi caracterizada pelo canto do cisne da ampliação da malha ferroviária, pois:

[...] a maior parte das ferrovias [...] implantadas em São Paulo[...] mesmo após a “crise de 29” continuariam operando com eficiência e lucratividade, graças ao fato de prestarem seus serviços à mais avançada economia capitalista do país [...] expansão da rede ferroviária nacional [...] atingindo 34 000 na década de 1930, pouco se alterando a partir desse momento. (Cano, 1990, p. 50, 52 e 218).

Acrescentada, em especial, pela expansão acelerada da subárea de transportes rodoviários que começava a rivalizar com certa propriedade com a estrutura de transporte ferroviária ainda predominante, Graças à construção e expansão de estradas de terra em substituição aos antigos clarões na mata, picadas e caminhos, pois neste caso: “ [...] houve avanço significativo no sistema de transportes rodoviário, quadruplicando a extensão da rede (federal, estadual e municipal) no período 1928/1955, passando de 113,6 mil quilômetros para 459,7 mil quilômetros. [...] (Negri, 1996, p. 63).



Ativada graças à abertura das primeiras empresas transportadoras de cargas por caminhões e pelas dezenas de linhas intermunicipais regulares de auto-ônibus, ou “jardineiras”, ofertantes de itinerários, também, para passageiros até municípios paulistas, da região (Araraquara), do interior (São José do Rio Preto), da capital (São Paulo) e interestadual até Uberaba (MG) (c.1948); pelos quais chegavam, além da ferrovia, imigrantes e migrantes, alguns dos quais futuros operários, consumidores, sócios e acionistas das indústrias ribeirão-pretanas.

Os principais meios de transportes recebidos pelas indústrias ribeirão-pretanas para distribuir suas mercadorias até os comerciantes revendedores e consumidores finais fora de Ribeirão Preto foram transportados tanto por trem de ferro movimentado sobre as ferrovias Mogiana, caso da filial das IRFM “É importante ressaltar a existência de uma plataforma na frente desse edifício, que dá acesso a um desvio dos trilhos da Companhia Mogiana [...]” (Vichnewski, 2010, p. 74) como por transportadoras e ônibus, neste caso: “[...] E a distribuição [...] mandava [...] por ônibus[...]” (Matos; Worcman, 2004).

Segundo na **área de comunicação**, em especial de anúncios de propaganda de uma maioria de várias empresas comerciais e, em especial, de algumas indústrias analisadas nesse trabalho, em variados suportes. Exemplos dos bancos de granelite de praça (frigorífico Ipiranga), textual em periódicos paulistanos ocasionais, no Correio Paulistano (15 dez. 1935) (Diederichsen, Innechi e Vecchi), em publicações de circulação restrita a poucos números e meses. Caso da Paulista que editava sua publicação informativa, a *Revista Theatro Pedro II* em 1939 e a publicação ocasional com objetivos mercantis e informativos sobre o município: *Roteiro de Ribeirão Preto: cidade padrão de progresso no coração do Brasil* (1948).

Aspectos industriais sociais agregados aos econômicos e econômicos

A partir da década de 1940, como consequência da concretização da hegemonia das atividades econômicas urbanas foi consolidada em Ribeirão Preto a urbanização demográfica, conforme a **Tabela 1** abaixo.

Tabela 1- Crescimento Populacional e Urbano de Ribeirão Preto de 1930 a 1950



Ano	População	Crescimento (Qtde.)	Crescimento (%)	Urbana (Qtde.)	Urbana (%)	Rural (Qtde.)	Rural (%)
1930	73.499	4663	6,77%	—	—	—	—
1940	80.591	7092	9,64%	—	60 %	—	40%
1950	91.374	10.783	13,37%	65.081	71%	26.293	29%

Fontes: IBGE 1940; IDEM 1950; SÃO PAULO 1929; DORP 11 jan. 2021, p.3.

Em relação ao aspecto porcentual da urbanização demográfica há que se destacar o seu crescimento acelerado, pois “a população urbana já é maioria, 60 % da população já está na cidade, já na década de 40, a circulação das mercadorias, da renda, passa a ser feita na cidade” (Marcondes, 2006). O que continuou porque em “1950. População; a) cidade 65.081 habitantes (71% do total); b) zona rural 26.293 habitantes; c) município 91.374 habitantes” (IBGE. 1950).

Ademais, foi predominante a presença de sócios familiares tanto em relações sanguíneas (irmãos, pais e filhos) e parentes (primos) como legais mediante casamentos (esposa, nora e genro). Tanto que as razões sociais de algumas indústrias explicitaram aspectos pessoais, com o nome literal do empresário (Luís Pinto), algumas iniciais do nome do seu sócio (A. Muniz), sobrenomes familiares (Castaldelli) e fraternos (Irmãos Pompolo).

Por último, em relação à naturalidade e ao local de nascimento dos sócios e acionistas das indústrias houve o predomínio na quantidade (qtde.) de 35 empresários brasileiros (87,50%) e, em especial, uma maioria de paulistas, em especial de 12 industriais que nasceram na região de Ribeirão Preto sobre uma minoria de cinco estrangeiros (12,50%) sendo quatro italianos e um português (Rosa; Registro, 2007, passim; Prates, 1983, p. 94; Furlan Junior, 1956, p. 105 e Jornal da Vila, 2019).

Aspectos desagregados do crescimento industrial de Ribeirão Preto

O crescimento industrial de Ribeirão Preto de 1931 a 1950 foi constante, mas limitado, tanto graças a fatores externos, pois os investimentos industriais sistemáticos estiveram concentrados internacionalmente na Europa e na América do Norte e nacionalmente no núcleo da industrialização brasileira, em São Paulo, das categorias de uso de bens de consumo não duráveis e, em especial, das mais complexas de bens de capital e de bens intermediários. Este período esteve inserido dentro da “industrialização restringida – período 1929/33-1955” (Negri, 1996, p. 12).



Somado aos obstáculos internos econômicos porque o desenvolvimento da indústria de transformação foi secundário à nível de acumulação de capital municipal no âmbito das suas atividades econômicas urbanas em relação à hegemonia da construção civil, do comércio e da prestação de serviços.

Acrescente-se a isso o fato de que a estrutura setorial (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). A Industrialização brasileira: diagnósticos e perspectivas. Rio de Janeiro: 1969; Censos Industriais de 1920 e 1940; Fishlow, 1972 apud Malan et. al., 1980, p. 281) das 32 indústrias ribeirão-pretanas nesse período foi caracterizada pelo predomínio, dentre as categorias de uso, de 19 de bens de consumo não duráveis (59,38%) e pelo fato de que a indústria jamais foi a principal atividade econômica em Ribeirão Preto. Em consequência, houveram obstáculos internos e externos para o seu rompimento estrutural e autônomo industrial o que impediu a industrialização ribeirão-pretana.

Em segundo lugar, estiveram posicionadas as 10 indústrias de bens intermediários (31,25 %) algumas das quais eram simples beneficiadoras, exemplo das algodoeiras que realizavam apenas a etapa de separação do caroço e do fio de algodão fornecido como insumo às fabricantes de óleo e às fiações. Outras eram transformadoras, caso da fabricante de artefatos de borracha A.Muniz. Por causa do fenômeno descrito a seguir: “[...] o investimento [...] foi também induzido pelas necessidades de insumos para a própria incipiente indústria de transformação. [...] *linkages* para trás criação de um [novo] mercado doméstico pelos produtos dessas indústrias [...]” (Suzigan, 2000, p. 365 e 76).

Algumas relações de encadeamento ocorreram entre as indústrias ribeirão-pretanas. Exemplo: “A Fábrica de Vidros Santo Antônio tinha como clientes, entre outros tantos [...] a Cervejaria Paulista [...]” (Jornal da Vila, 2019).

As três de bens de capital (9,37%) atenderam, em sua maioria, demandas da agricultura, pois: “Antônio Diederichsen [...] [fabricava] [...] máquinas para lavoura e usinas açucareiras [...] turbinas, moendas, vácuos e outros acessórios destinados a pequenas e grandes usinas de açúcar, produtores de aguardentes, álcool [...]”. (Porto, 1953, p. 62)

A contribuição da indústria ribeirão-pretana para a **modernização** e urbanização econômica em Ribeirão Preto teve uma menor importância relativa. Com efeito,



algumas indústrias ribeirão-pretanas conseguiram ofertar uma parte minoritária dos novos produtos fabricados a partir de novos materiais utilizados e processar variadas matérias-primas naturais e artificiais, caso da transformação de vidros, borracha, aparelhos dentários e montagem de bicicletas, uma parte dos quais foram demandadas a partir das novas mercadorias utilizadas apenas na área urbana para atender novos hábitos de consumo.

Foram introduzidas novas estrutura, organização e ritmos de produção em massa urbana, em grande escala da fabricação de alimentos processados concretizados com uma certa modificação do aroma e da conservação, caso da salga de carne animal através do charque e de processos químicos de transformação de refinação do açúcar com a introdução de sódio para branqueamento para alterar os gradientes de cores amarelo e marrom claro, biológicos através do uso de levedura para fabricação de cerveja e processos físicos gasosos, caso da utilização do gás carbônico para gaseificação da bebida gasosa e térmicos de pasteurização do leite, congelamento e resfriamento de carne e de banha.



Políticas das Instituições Estatais e Classistas favoráveis e desfavoráveis ao Crescimento Industrial de Ribeirão Preto de 1931 a 1950

A diversificação, complexidade e especialização econômicas ribeirão-pretanas possibilitaram a implantação de novas e restritas políticas governamentais atinentes ao setor industrial ribeirão-pretano do município de Ribeirão Preto (Prefeitura e Câmara). Exemplo do isolado exemplo de “investimento direto [...] do Estado [...]” (Diniz, 1991 apud Negri, 1996, p. 19), caso de “[...]uma pedreira [...] [Municipal] do Morro do Cipó [...]” (Pereira et. al., 2018, p. 18, 21 e 61). Um dos motivos foi a ausência, nesse período, de qualquer empresário industrial como ocupante do cargo de prefeito ou intendente municipal.

Tabela 2- Ocupação Profissional de Vereadores e Prefeitos de Ribeirão Preto de 1931 a 1950

Setor	Profissão	Qtde.	(%)	Profissão	Qtde.	(%)
	Proprietários			Trabalhadores		
Agricultura	Cafeicultores	7	13,72%	—	—	—
Indústria	Industriais	4	7,84%	Industriários	3	5,88%
Comércio	Comerciantes	4	7,84%	Comerciais	3	5,88%
Serviços	Advogados	8	15,69%	Funcionários Públicos	4	7,84%
	Médicos	6	11,76 %			
	Dentistas	5	9,80 %	—	—	—
	Contadores	2	3,92%	—	—	—
	Outros	5	9,80%	—	—	—
	Subtotal	41	80,40%	Subtotal	10	19,60%
				TOTAL	51	100 %

Fonte: CMRP, 2015, p.38-45; ROSA; REGISTRO, 2007, passim.

Conforme a **Tabela 2** anterior, referente às “ocupações profissionais dos vereadores” (WALKER, 2000, p. 128) e prefeitos nesse período, percebe-se que foram formadas por uma minoria, na quantidade (qtde.), de quatro comerciantes e industriais cada (7,84%), seguido por uma débil participação de sete cafeicultores (13,72%), pois:

A crise e a queda dos preços do café em 1929 e 1930 minaram a elite cafeeira e estimularam o surgimento de uma economia mais diversificada. Isso, por sua vez, resultou na maior importância política e econômica de novos grupos, como os trabalhadores urbanos, os setores da indústria, do comércio e de serviços. (Walker, 2000, p. 142).



Finalizado por uma maioria de 26 empresários (50,98%) do setor de prestação de serviços. Isso porque o predomínio dos três segmentos de profissionais liberais nas áreas de justiça, saúde e segmento contábil, somado aos empresários nas áreas de educação e comunicação, ocorreu porque ambos absorveram em maior medida a transferência de parte do poder municipal para membros das atividades econômicas urbanas, pois contaram com a maior quantidade de prefeitos e vereadores (sendo oito advogados, seis médicos, cinco dentistas e dois contadores) e outros cinco, sendo três proprietários de faculdade e dois donos de jornal.

A pequena quantidade, em relação ao seu poder econômico, de quatro comerciantes em mandatos de vereadores e prefeitos é explicada pela opção de boa parte desse grupo em priorizar defender seus interesses na esfera da ACIRP.

A limitada participação política dos quatro vereadores industriais nesse período foi causada, entre outros fatores, porque foi menor inclusive, em comparação, com os nove trabalhadores assim como percentualmente (7,84 % a 19,60%). Isso porque os proletários tiveram maior participação política governamental como edis, caso dos três industriários do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), quatro funcionários públicos e outros três dedicados às atividades comerciais diversas: um comerciário, administrador e corretor cada.

Os poucos quatro industriais eleitos vereadores nesse período foram José Chufalo, do Partido Republicano Paulista (PRP), sócio de uma máquina de beneficiar arroz; Horácio Arantes Silva, do PTB, proprietário de uma marcenaria; Francisco de Giácomo, do Partido Trabalhista Nacional (PTN), dono de uma indústria de anzol e uma de alumínio; e Baudilio Biagi (PTN), sócio da Dabi aparelhos dentários, refinaria de açúcar Ipiranga e Refrescos Ipiranga.

Isso foi um dos fatores que ajudam a explicar práticas feitas pela maioria dos prefeitos e vereadores em vários governos municipais que, na sua maioria, avalizaram as vantagens comparativas do comércio e da prestação de serviços, e, por outro lado, ocorreram omissões, indiferenças e limitações referentes à quantidade de ações governamentais, medidas, atos, normas e leis, pois houve políticas econômicas pouco sistemáticas favoráveis ao crescimento industrial ribeirão-pretano.

A partir da década de 1930 ocorreu o seguinte fenômeno, descrito a seguir: “O governo passou a estimular deliberadamente o desenvolvimento de indústrias [...]



No entanto, os incentivos e subsídios [...] fiscais e creditícios e [...] empréstimos[...] não eram sistemáticos, e nem sempre foram eficazes.”(Suzigan, 2000, passim; Negri, 1996, p. 18).

Com efeito, ocorreu a doação de terreno para indústria, pois: “ Às IRFM”. (Ribeirão Preto, 1936) e a oferta de incentivos fiscais para atrair novas fábricas caso de: “Ficam isentas, de todos os impostos, taxas e emolumentos municipais, pelo prazo de vinte anos, as indústrias novas [...]que trabalharemos exclusivamente com matéria prima nacional, ocupando mais de cinquenta operários diários efetivos [...]” (Ribeirão Preto, 1937).

A primeira instituição classista foi a ACIRP criada em 1904, que em seu âmbito político e ideológico, em especial na década de 1940, em consequência ao fenômeno econômico de que os agricultores reinvestiram a maior parte dos seus capitais nas atividades econômicas urbanas da construção civil, comércio e prestação de serviços, ocorreu a transição do predomínio econômico agregado da agricultura e da hegemonia política e ideológica exclusiva na região e no município de Ribeirão Preto, em especial, dos cafeicultores e da fisiocracia, de forma municipal desagregada, para os empresários das atividades econômicas urbanas construtoras, comerciais e prestadoras de serviços, tanto com negócios diretos com a agricultura como com relações mais indiretas, um certo rompimento com as acumulações de capital, demandas e políticas desagregadas da agricultura, apesar de que ainda permaneceu uma continuidade e dependência da relação robusta do comércio com a agricultura, pois uma parte substancial dos comerciantes e profissionais liberais com prodigiosa acumulação de capital foram e/ou continuaram empreendendo, também, atividades agrícolas.

No aspecto referente à autonomia, uma parte dos mais ricos e poderosos comerciantes, que foram os principais responsáveis por fortalecerem a ACIRP pelo crescimento acelerado na quantidade de associados, construíram uma nova elite, apoiado pela classe média comerciante, consolidando a classe comercial, de forma associativa com cada vez maior independência política sistemática estrita em defesa do comércio e dos comerciantes ribeirão-pretanos. Tanto que foram criados outros “órgãos de classe do comércio de Ribeirão Preto” (Hasse, 2004, p. 53), ligadas visceralmente à ACIRP. Exemplos da Associação dos Profissionais de Turismo e Hospitalidade de Ribeirão Preto em 1942.



A partir da década de 1940, além de continuar utilizando em sua nomenclatura o comércio, passou a ser renomeada de forma definitiva, também, com a explicitação do nome da indústria, de Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (ACIRP); todavia, continuou a reiterar o protagonismo econômico, político do comércio e dos comerciantes associados sobreposto ao consequente papel coadjuvante relegado à indústria ribeirão-pretana.

Apesar da ACIRP abarcar em sua sigla e de aparentar representar a indústria, este suposto compromisso era realizada de forma mais nominal, visto que o contingente majoritário dos seus associados era formado por empresários do comércio, da prestação de serviços e da construção civil os quais realizaram a defesa privilegiada das demandas e interesses dessas atividades. Por conseguinte, enfraqueceu, cooptou, iludiu e atendeu de forma esporádica as demandas industriais em Ribeirão Preto.

Outras instituições patronais industriais de alcance estadual, mas de instalação e atuação municipal e regional foram as DR do CIESP as quais foram instaladas nos principais municípios paulistas segundo critérios políticos, por serem sedes de regiões políticas administrativas, dinamismo econômico, incluindo a indústria, e demográfico, um dos quais foi Ribeirão Preto (Roteiro de 1948) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) que instalou o Posto Médico e Odontológico do Serviço Social da Indústria (SESI) (c. 1948) (Ibidem).

Por parte da classe dos trabalhadores, dada a sua explícita diferenciação enquanto classe social, econômica, política e jurídica, é até compreensível a criação de entidades laborais. Com efeito, alguns sindicatos de proletários, em geral, foram criados, tanto do setor de comércio e serviços (dos Trabalhadores em Hotéis, Restaurantes e Bares em 1935) quanto da indústria, caso do “Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Gráfica de Ribeirão Preto (STIGRP) em 1934” (<https://stigrp.com.br/>).

No âmbito de algumas categorias dos profissionais liberais, que, graças à sua sólida formação cultural textual, pois eram “pessoas graduadas [...] com formação universitária” (Walker, 2000, p. 126) e a sua compreensão jurídica classista souberam multiplicar suas habilidades orais e experiências políticas presenciadas de forma prodigiosa tanto no âmbito governamental nos mandatos de prefeitos e de vereadores, servidores públicos em cargos técnicos especializados e secretários, pois: “[...] os



políticos locais [...] reconheciam a importância do complexo médico-educacional. [...] [e] empreenderam esforços consideráveis para obter apoio financeiro estadual e federal para o setor [...] E grandes porções dos orçamentos municipais [...]” (Walker, 2000, p. 108-109).

Assim como na órbita privada aqui com parceria com os comerciantes e com as empresas comerciais por prestarem serviços nos seus relevantes departamentos jurídico, tributário, de saúde do trabalhador e de recursos humanos e na esfera classista como associados da ACIRP.

Isso catapultou a criação de entidades representantes de suas categorias profissionais específicas, pertencentes às áreas de a) justiça e segurança, na subseção da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) (1932), b) saúde, exemplo dos médicos no Centro Médico (1934) e dos dentistas na Associação Odontológica de Ribeirão Preto (AORP) (1946), c) construção civil na Associação dos Engenheiros de Ribeirão Preto (AERP) (1948), d) comunicação, dos jornalistas na Associação Regional de Rádio e Imprensa (ARRI) (1948) e e) dos contadores no Sindicato dos Contabilistas de Ribeirão Preto (Sicorp) (1944).

No caso da indústria em Ribeirão Preto ocorreu uma contradição, a despeito da existência de duas instituições classistas patronais nas quais os empresários ribeirão-pretanos com alguma atividade industrial poderiam articular e efetivar suas demandas setoriais, pois ambas reiteraram política e ideologicamente as principais forças econômicas responsáveis pelos principais desestímulos para um robusto crescimento industrial ribeirão-pretano, casos do comércio local revendedor de mercadorias fabricadas por indústrias de outros municípios, estados e países, representado pela ACIRP e da indústria paulistana, representada pela DR do CIESP ligado ao CIESP central paulistano e à FIESP em São Paulo.

Por isso, industriais ribeirão-pretanos humildes com pouca e ausente escolaridade não foram exitosos em multiplicar e expandir seus limitados conhecimentos e práticas políticas na Câmara Municipal e ausente na Prefeitura, pois nenhum prefeito foi industrial, e foram pouco dispostos, articulados, com limitado acesso aos conhecimentos jurídicos e contato com advogados e contadores, foram omissos e indiferentes politicamente ao não focarem parte de seus esforços e demandas



com vistas a concretização política de apenas uma entidade setorial das indústrias em Ribeirão Preto.

Ideologias Acerca da Indústria Ribeirão-pretana

Em consequência às práticas econômicas e políticas ocorridas nas sociedades governamental e civil ribeirão-pretanas foram produzidas e reproduzidas várias ideologias econômicas, tanto no período anterior a 1930, que continuaram, assim como no presente período. Caso da fisiocracia pelos agricultores e avalizada pelos demais empresários, consumidores e população em geral que foi hegemônica na região e em partes substanciais no município.

No entanto, a partir da década de 1940 deu-se a maturação no município, da nova ideologia do comercialismo, reproduzida, também, no âmbito governamental por parte robusta dos prefeitos e vereadores, em conjunto, no âmbito regional, com a fisiocracia e o agrarismo.

No caso específico da indústria ribeirão-pretana não houve um certo equilíbrio, entre as ideologias negativas e positivas acerca da indústria ribeirão-pretana.

O aspecto negativo concretizou-se através da ideologia anti-industrialista que foi produzida e reproduzida tanto tacitamente pelos comerciantes ribeirão-pretanos os quais optaram por revender as mercadorias fabricadas em outros municípios e países as quais possuíam oferta mais dinâmicas, numerosas e frequentes e, por isso, passaram a desinteressar-se pelo fornecimento, empreendido sempre em menor escala, de parte dos produtos fabricados no município graças a sua menor atratividade e diversidade. A consequência foi que passaram a preterir parte deles, emulando as congêneres paulistanas, pois: “A resistência a artigos nacionais estorvou substancialmente o crescimento da indústria no país, criando atitudes auto limitativas e antiprogressistas na sociedade vigente.” (Dean, 1971, p. 253).

Assim como por boa parte dos consumidores de renda, poder aquisitivo, necessidades e hábitos de consumo altos e cada vez maiores os quais comparavam e preferiam tanto por motivos financeiros consumir a grande e crescente variedade de milhares de produtos supridos pelo comércio local, nacionais e importados, estes em especial, mais caros, mas de melhor relação custo/benefício como ideológicos, pois



passaram a ter menosprezo sistemático voltado à maioria das indústrias ribeirão-pretanas.

Reproduzido, inclusive, até pelo grupo dos consumidores mais pobres, a maioria no município, por que a maior parte dos produtos fabricados no município eram “bens de consumo para assalariados e *wage goods*” (Mello, 1984, p. 89).

Em consequência do predomínio de pequenas e micro indústrias em Ribeirão Preto houve um recorrente limitado reconhecimento social das mesmas abalizado por critérios financeiros (com parca retirada de *pró-labore* por seus sócios), de tamanho e de porte (empreendidas em minúsculas oficinas artesanais, de fundo de quintal e fabriquetas), todavia, aqui, atingiriam os similares empreendimentos comerciais, e, em especial, ambientais e higiênicos, caso da sua nomeação com palavras e expressões pejorativas, como sujas, feias, bagunçadas, barulhentas, poluidoras do ar com fumaça, trepidação e que eliminavam resíduos de limalhas de ferro, serragem de madeira, fiapos de panos, entre outros.

A ideologia anti-industrialista foi reproduzida por boa parte dos proprietários dessas indústrias e dos empresários com alguma atividade industrial que, graças a um certo constrangimento, não eram estimulados e não tiveram tomada de consciência de industrial nem tampouco defesa de ideologia industrialista e, condicionado e influenciado, mesmo que de forma sutil, tácita e involuntária pelos comerciantes e a ideologia do comercialismo dos associados da ACIRP, se consideravam como representantes do comércio de forma agregada de todas as atividades econômicas urbanas, inclusive a indústria, e comerciante dos produtos fabricados pela empresa da qual era proprietário.

Por outro lado, em consequência às práticas políticas e aos casos minoritários de indústrias instaladas de médio e grande porte em Ribeirão Preto, pois: “Essas ações “facilitadoras” com a empresa Matarazzo são resultado de sua representatividade no imaginário da comunidade das cidades do interior paulista como sinônimo de progresso, poderio econômico e status.” (Vichnewski, 2010, p. 92). Pelo fato dessas indústrias serem fontes importantes de impostos, riquezas, rendas e centenas de empregos e seu grande uso de máquinas.



Aqui o aspecto positivo concretizou-se através do surgimento de algumas ideologias de industrialismo e de otimismo exagerado em anúncios publicitários que supervalorizaram alguns aspectos apenas positivos das indústrias ribeirão-pretanas.

Os anúncios ufanistas foram esses, por exemplo: “Ribeirão Preto, pela sua posição privilegiada pelo seu alto índice de progresso é a cidade mais recomendável para instalação de grandes indústrias.” (Roteiro de 1948). Todavia, era uma dentre as várias cidades médias do interior.

Outro aspecto de desequilíbrio ocorreu devido à diversidade e à fluidez inter-setorial das atividades mercantis em Ribeirão Preto; assim, causaram confusões entre os empresários industriais acerca do setor econômico ao qual se dedicavam. Algumas eram realmente confusas, caso das empresas dedicadas às atividades que, além da indústria, se dedicavam, concomitantemente, a outros setores econômicos.

Por isso, uma parte dos empresários industriais de Ribeirão Preto tiveram vários problemas para assumirem noções e ideologias industrialistas ao produzirem e reproduzirem ideias confusas, equivocadas, anti-industriais e indiferentes.

Exemplo dos empresários proprietários de alguma empresa com alguma atividade comercial, neste caso de produtos que não fabricava a qual foi a sua principal e mais lucrativa fonte de lucros, e industrial concomitantemente, ou seja, tratava-se de uma “empresa comercial fabricante de produtos” (Marques, 2018, p. 132-133). Exemplo dos sócios de padarias e de confeitarias que provavelmente se consideravam como comerciantes, pois essas empresas vendiam, na sua maioria, produtos fabricados por outras fábricas e uma minoria de pães, doces e confeitos de fabricação própria.

Assim como de indústria e prestação de serviços, pois, além de fabricarem alguns produtos e peças, também, consertavam e faziam a manutenção das mercadorias que produziam ou feitas por outros fabricantes, exemplo, consertos de carroças pelos Irmãos Vecchi.

Por último, uma parte dos industriais tinham o hábito de conceituar a indústria, de forma equivocada, em outros ramos econômicos. Exemplos, à agricultura (moinho de fubá), à pecuária (laticínio) e à construção civil (fabricação de ladrilho).

Considerações Finais



Esse trabalho está em uma fase inicial, futuramente espera tornar-se-á uma tese, por isso, possui algumas lacunas porque, na medida do possível pretendeu desvelar a contextualização econômica geral de Ribeirão Preto, para em obras posteriores adensar mais em seus aspectos industriais agregados e específicos. Caso dos dados quantitativos tabulados em tabelas sobre operários, valores de capital, consumo de energia e duração das indústrias.

Assim como possui lacunas teóricas, em especial, sobre noções de ideologia, desenvolvimento, política industrial, a agroindústria sucroalcooleira e autores como Muller e Szmeczanyi e discussões mais aprofundadas sobre vários assuntos e tópicos abordados. Exemplo: da concorrência com as indústrias dos principais municípios da região (Franca, Araraquara e São Carlos), a política da DR do CIESP, a sua relação com a ACIRP, a ausência de uma entidade autônoma representante da indústria local, entre outros.

Fontes Primárias

Almanaque Laemmert de 1937.

CMRP. 2015.

Disponível em: <https://www.canaverde.com.br/usa-usina-santo-antonio/>. Acesso em 13 junho 2023.

Disponível em: <https://www.saomartinho.com.br/show.aspx?idCanal=ReA6dzNtQion0wnlCl3gmw=>).

Acesso em 13 junho 2023.

A Companhia. Cervejaria Paulista (CCP) em Ribeirão Preto de 1944.

Diário da Manhã, 13 de novembro de 1959.

IBGE. Censo Demográfico de 1940. Disponível em

<http://www.seculoxx.ibge.gov.br/população>. Acesso em 11 março 2020.

IBGE. Censo Demográfico de 1950. Disponível em <http://www.seculoxx.ibge.gov.br/população>. Acesso em 11 fevereiro 2023.

IBGE. Censo Econômico de 1940.

IBGE. Censo Industrial de 1950. Série Nacional, v. III, tomo 1. Rio de Janeiro: 1957.

Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/anexos/censoind.pdf>. Acesso em 11 fevereiro 2023.

IBGE. Censo Industrial de 1957.

IBGE. Divisão do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas. Rio de Janeiro: 1990. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf. Acesso em 26 set. 2020. Acesso em 12 junho 2023.

RIBEIRÃO PRETO. Ato n. 3 de 09 novembro de 1936.

RIBEIRÃO PRETO. Lei n. 40 de 05 julho de 1937.



RIBEIRÃO PRETO. Resultado da Vistoria realizada em 15 março de 1951 na Usina de Laticínios Rio Pardo.

RIBEIRÃO PRETO. DORP de 11 janeiro de 2021.

Roteiro de Ribeirão Preto: cidade padrão de progresso no coração do Brasil. S.I.: 1948.

SÃO PAULO (Estado). Boletim Mensal de Estatística Demógrafo- Sanitária de São Paulo e dos municípios de Santos, Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos, Guaratinguetá de out. 1929.

SÃO PAULO (Estado). Os municípios do estado de São Paulo. Informações interessantes. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1933.

SÃO PAULO (Estado). DOESP 21 de dezembro de 1946.

SÃO PAULO (Estado). Decreto n. 52.576 de 12 dezembro de 1970.

STIGRP. Disponível em <https://stigrp.com.br/>. Acesso em 12 junho 2023.

TV Unaerp. Ribeirão Preto 150 anos- uma história urbana. Depoimento de Renato Leite Marcondes. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=1iTB5pMdT_w. Acesso em 12 junho 2023.

Referências Bibliográficas

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1990.

CIONE, Rubem. *História de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1992. v. 2.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: Difel, 1971.

FURLAN Junior, Antônio. *Documentário Histórico de Sertãozinho 1896-1956*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Politipo, 1956.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GUIÃO, Rui F. C. *Forte Gente*. Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2014.

HASSE, Geraldo. *Filhos do fogo – memória industrial de Sertãozinho*. São Paulo: Ed. Céu e Terra, 1996.

HASSE, Geraldo (Coord.). *ACI: um espelho de 100 anos*. Ribeirão Preto: Gráfica São Francisco, 2004.

MALAN, Pedro et. al. *Política econômica externa e industrialização no Brasil (1939-1952)*. 2.ed. Rio de Janeiro: IPEA/ INPES, 1980.

MARQUES, Leandro M. *As pequenas indústrias de Ribeirão Preto/SP de 1870 a 1930*. 2018. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARQUES, Leandro M. *O crescimento industrial de Ribeirão Preto de 1911 a 1930*.

In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 14.;

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS, 15., 2021, Varginha. **Anais...** Varginha: ABPHE, 2021.

MATOS, José Santos; WORCMAN, Karen (Dir.). *A saga de ser brasileiro - histórias do Aché o maior laboratório nacional*. São Paulo: Museu da Pessoa: 2004. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/public/editor/livro_ache_unificado.pdf. Acesso em: 12 junho 2023.

MELLO, João Manoel C. de. *O capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1984.



- MENDONÇA, Juliana de A. *Análise da relevância da agroindústria canavieira no município de Motuca: estudo comparativo da receita corrente e dos dados socioeconômicos antes e depois do fechamento da Usina Santa Luiza*. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade de Araraquara, Araraquara.
- Morre Timóteo*. *Jornal da Vila*, n. 162, mar. 2019, ano XIV.
- NEGRI, Barjas. *Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)*. Campinas: Edit. da Unicamp, 1996.
- PEREIRA, José Carlos de M. *Formação industrial do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Hucitec/ Secretaria de Estado da Cultura, 1984.
- PEREIRA, Marcelo et. al. *Gigantes do bosque: árvores do Parque Municipal do Morro de São Bento*. Ribeirão Preto: Os Autores, 2018.
- PIRES, Julio Manoel. “O desenvolvimento econômico de Ribeirão Preto (1930-2000)”. HASSE, Geraldo (Coord.). *Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto – 1904-2004: um espelho de cem anos*. Ribeirão Preto: Gráfica São Francisco, 2004. p.179-191.
- PORTO, Sebastião. *ABC – Associação Banco Construtor. O que fomos ontem... 1903, o que somos hoje... 1953*. Ribeirão Preto, S.I., 1953.
- PRATES, Prisco da C. *Ribeirão e seus homens progressistas*. 2.ed. Ribeirão Preto: Gráfica União, 1983.
- ROSA, Lílían R. de O.; REGISTRO, Tânia. *Ruas e caminhos: um passeio pela história de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Edit. Gráf. Padre Feijó, 2007.
- SILVA, Adriana; ROSA, Lílían R. de O. (Org.). *Patrimônio cultural do café da terra vermelha*. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec/ Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.
- VICHNEWSKI, Henrique T. *Indústrias Matarazzo em Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.
- WALKER, Thomas W. “Ribeirão Preto, 1910-1960”. IDEM; BARBOSA, Agnaldo S. *Dos coronéis à metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000. p. 13-143.